



O DESENVOLVIMENTO DE PRONOMES MARCADOS NO PORTUGUÊS: A RELAÇÃO COM AS ESCALAS HIERÁRQUICAS

ALINE JÉSSICA PIRES*

RESUMO

Este *squib* investiga a adequação das escalas hierárquicas para descrever o desenvolvimento da Marcação Diferencial de Objeto no português. Casos em que o objeto direto é marcado por uma preposição são classificados como instâncias da Marcação Diferencial de Objeto. Muitos estudos afirmam que o desenvolvimento do fenômeno pode ser descrito pelas escalas hierárquicas da animacidade e da definitude. Essas escalas preveem que o primeiro estágio de desenvolvimento do fenômeno seja pronomes de primeira e de segunda pessoas, os pronomes de terceira pessoa seriam marcados apenas em um estágio posterior. Contudo, catalão antigo e romeno antigo exibem casos de violação das escalas, em que as ocorrências de terceira pessoa são mais frequentes que as de pronomes de primeira e de segunda pessoas. A mesma violação é encontrada no português diacrônico. Portanto, o presente *squib* propõe que a marcação com primeira e segunda pessoas seria redundante no primeiro estágio de desenvolvimento do fenômeno e que a marcação com pronomes de terceira pessoa se deve à presença do traço [-PESSOA].

Palavras-chave: marcação diferencial de objeto, pronome pleno, preposição *a*, português diacrônico

ABSTRACT

This *squib* investigates the adequacy of hierarchical scales to describe the development of Differential Object Marking in Portuguese. Cases in which the direct object is marked by a preposition are classified as instances of Differential Object Marking. Many studies claim that the development of the phenomenon can be described according to the hierarchical scales of animacy and definiteness. Such scales predict that the first stage of the development of the phenomenon will be first- and second-person pronouns and third-person pronouns would be marked only at a later stage. However, both Old Catalan and Old Romanian exhibit cases of violation of the scales in that third-person pronoun cases are more frequent than the occurrences of first- and second-person pronouns. The same violation is found in diachronic Portuguese. Therefore, the present *squib* proposes that marking first- and second-person pronouns would be redundant at the first stage of the development of the phenomenon and that the third-person pronoun is marked due to the presence of the [-PERSON] feature.

Keywords: differential object marking, personal pronoun, preposition *a*, diachronic Portuguese

* Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. Doutoranda em Linguística, e-mail: alinepires77@gmail.com. Esta pesquisa é financiada pelo CNPq (Processo 142461/2019-9).

1 INTRODUÇÃO

Em diferentes línguas românicas, encontramos o fenômeno conhecido como Marcação Diferencial de Objeto (doravante, MDO), que consiste na marcação do objeto direto por uma preposição. Usualmente, assume-se que no português o fenômeno ocorre apenas com a preposição *a* (PIRES, 2017; CYRINO, 2018). Em alguns contextos, como em (1), a MDO ocorre mais frequentemente do que em outros (cf. (2)).

- (1) Os fiéis amam a Deus.
- (2) O filme comoveu (a)os espectadores.

O fenômeno depende de propriedades intrínsecas do objeto, como a animacidade, e referenciais, como a definitude e especificidade, que são codificadas nas escalas da animacidade (3) e da definitude (4) (AISSSEN, 2003; entre outros):

- (3) Escala da animacidade: humano > animado > inanimado.
- (4) Escala da definitude: pronome de primeira pessoa (1p) > pronome de segunda pessoa (2p) > pronome de terceira pessoa (3p) > nome próprio > DP definido > DP não-específico.

As escalas permitem generalizações sobre o fenômeno em várias línguas: objetos que ocorrem nas posições mais altas receberiam a marcação e objetos que ocupam as posições mais baixas não seriam marcados. Por outro lado, estudos gerativistas afirmam que as escalas poderiam ser representações da hierarquia imposta pela sintaxe (CYRINO, 2018; entre outros).

Comumente, afirma-se que o fenômeno ocorre inicialmente com objetos que ocupam as posições mais altas na escala, ou seja, 1p e 2p, e posteriormente se expande para as posições mais baixas (VON HEUSINGER; KAISER, 2005). Logo, não poderia haver um estágio com marcação apenas nas posições baixas e não nas posições mais altas.

Contudo, dados do catalão e do romeno antigos apresentam evidências contrárias a essa predição. Von Heusinger e Gáspár (2008) encontraram, em dados do romeno, mais casos de 3p marcados diferencialmente do que de 1p e 2p. Da mesma forma, Irimia e Pineda (2019) (doravante, I&P) encontraram, em textos do catalão antigo, resultados semelhantes.

Neste trabalho, analisa-se o desenvolvimento do MDO nas escalas hierárquicas. Para isso, a frequência de ocorrência de pronomes pessoais com função de objeto direto marcados por *a* é observada. Foram analisados dados do português europeu (doravante, PE) dos séculos XVI a XIX, os quais foram coletados no Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017) e no Corpus Post Scriptum (CLUL, 2014).

A análise das ocorrências da MDO com pronomes plenos obteve resultados similares aos dos estudos sobre o catalão e o romeno: os casos de 3p são mais frequentes que os de 1p e 2p, o que aponta que as escalas hierárquicas não são adequadas para a descrição do desenvolvimento do fenômeno na diacronia.

A organização do *squib* é a seguinte: na seção 2 são apresentados postulados teóricos sobre o fenômeno; a seção 3 se dedica à investigação das ocorrências de MDO com pronomes no português; a seção 4 traz nossa proposta de análise; e as conclusões são exibidas ao final.

2 ASPECTOS TEÓRICOS RELACIONADOS AO FENÔMENO

2.1 AS ESCALAS HIERÁRQUICAS E A MDO

O trabalho de Aissen (2003) definiu que as escalas da animacidade e da definitude são as mais adequadas para a descrição da MDO. A escala da definitude reúne informações sobre a definitude e a especificidade do sintagma. Já a escala da animacidade pode dizer respeito tanto à animacidade quanto à Pessoa do sintagma, pois DPs animados e 1p e 2p são na maioria dos casos agentes e não pacientes. Quando não são agentes, esses sintagmas são marcados diferencialmente. Em (5) reproduzimos a escala apresentada em I&P (2019, p. 5), que reúne informações das escalas (3) e (4) e mostra o que seria esperado para o desenvolvimento da MDO.

- (5) Escala da animacidade/Pessoa: 1p/2p > 3p > nome próprio > humano > animado > inanimado.

De acordo com Cyrino (2018, p. 233), o pronome de 3p se diferencia dos demais, pois é [-PESSOA], enquanto 1p e 2p são [+PESSOA]. Sobre a representação sintática da animacidade, a autora defende a existência de uma categoria funcional, que faz com que os DPs que estão nas posições mais altas nas escalas ocupem as posições mais altas da árvore. Há um núcleo funcional $F_{[Pessoa]}$ localizado entre vP e AspInn. Os traços EPP desse núcleo atraem os DPs animados, o que leva os DPs inanimados a permanecerem *in situ*. O traço [\pm PESSOA], segundo a pesquisadora, está codificado nos DPs.

Cyrino adota ainda a proposta de Leonetti (2008), segundo a qual, a especificidade não pode ser codificada por nós sintáticos, pois, na verdade, seu efeito é obtido no processo de recuperação das proposições da fala. Isso leva a dizer que a especificidade não depende da animacidade, mas deriva de outros princípios na interface com a semântica.

2.2 AS ESCALAS HIERÁRQUICAS NOS ESTUDOS DIACRÔNICOS

Diferentes estudos sobre o espanhol atestaram que pronomes de 1p, 2p e 3p eram marcados desde as primeiras ocorrências do fenômeno (VON HEUSINGER; KAISER, 2005; entre outros), como mostram os exemplos a seguir.

(6) Espanhol antigo

- a. e ssi fuéredes vençidos, non rebtedes **a nós** (*Cid*, Séc. XII)
e se ser-PRS-COND.2PL derrotar-PTCP não culpar-IMP.2PL MDO nós
'mas se você for derrotado, não culpe a nós'
- b. Dios salve a nuestros amigos e **a vós** más, señor
Deus salvar-PRS.SBJV.3SG DOM nossos amigos e MDO vós mais senhor
'Que Deus salve a nossos amigos e a vós acima de tudo, meu senhor' (*Cid*, Séc. XII)
- c. todos **a él** guardavan. (*Poema de Fernán González*, Séc. XIII)
todos DOM ele guardar-IPFV.3PL
'todos guardavam a ele'

(IRIMIA; PINEDA, 2019, p. 2-3)

Pronomes pessoais, no catalão atual, são marcados sistematicamente. Por outro lado, no catalão antigo (séc. XI-XVI), de acordo com I&P (2019), a 3p era mais frequentemente marcada (cf. (7a)) enquanto 1p e 2p, em alguns textos, não recebiam a marcação e, em outros, era contexto de variação (cf. (7b-c) para exemplos de não marcação).

(7) Catalão antigo

- a. vós havets honrat **a ell**. (*Curial e Güelfa*, Séc. XV)
vós ter-PRS.2PL honrar-PTCP DOM ele
'Vocês honraram a ele.'
- b. aquella senyora, qui mira nosaltres... (*Curial e Güelfa*, Séc. XV)
aquela senhora que olhar-PRS.3SG nós
'Aquela senhora, que nos olha...'
- c. ¿què ha mogut **tu** e ton companyó a...? (*Curial e Güelfa*, Séc. XV)
o que ter-PRS.2SG mover-PTCP tu e teu companheiro a
'O que obrigou você e seu companheiro a...'

(IRIMIA; PINEDA, 2019, p. 3)

No romeno atual o traço [+HUMANO] leva à MDO com pronomes pessoais e nomes próprios; outros tipos de pronome quando [±ANIMADO] são também contexto obrigatório para a marcação; e com DPs específicos [+HUMANOS] a marcação da preposição é opcional. Já na variedade antiga da língua, a MDO é considerada um fenômeno produtivo, sendo que o

traço decisivo para a marcação do objeto é a animacidade. O estudo de von Heusinger e Gáspar (2008) mostra um resultado surpreendente sobre o romeno do século XVI: 97% (33/34) dos casos de 3p (cf. (8a)) eram marcados diferencialmente; enquanto os casos de 1p e 2p (cf. (8b-c) para exemplos de não marcação), apesar de poucos, estavam em variação (50% - 5/10).

(8) **Romeno antigo**

- a. Lumea **pre elu** nu cunoscu. (Séc. XVI)
 pessoas-NOM DOM ele não reconhecer-PST.3SG
 'As pessoas não reconheceram a ele.'
- b. Va vindeca **noi.** (Séc. XVI)
 FUT.3SG curar-INF nós
 'Ele vai nos curar.'
- c. Nemica **voi** să vatăme. (Séc. XVI)
 nada-NOM vós SBJV machucar-SBJV.3SG
 'Não deixe nada vos machucar.'

(IRIMIA; PINEDA, 2019, p. 7)

Nas duas línguas citadas, há o redobro de clítico, fenômeno em que um clítico coocorre com um pronome pleno em posição de argumento, formando um constituinte descontínuo. Leonetti (2008) classifica o redobro como um subgrupo da MDO, pois, nas línguas românicas, é necessário que o clítico coocorra com um objeto preposicionado¹. De acordo com Leonetti (2007), o redobro se liga ainda à especificidade: a presença do clítico leva a uma leitura específica. Assim como no romeno e no catalão, na diacronia do português são encontrados casos de redobro com um objeto marcado por *a*. Em (9), há um caso do fenômeno em que o clítico *vos* redobra o objeto marcado *a vós*.

- (9) as riquezas **vos** enganaram **a vós** (B_003,163.2296, Corpus Tycho Brahe, Séc. XVII).

Contudo, no português, há redobro apenas com pronomes plenos e não com outros DPs, como é o caso do romeno. Isso nos permite supor que o fenômeno, nessa língua, seja restrito a pronomes plenos. Assim, considerá-lo como um subgrupo da MDO pode ser problemático.

1 A presença de um objeto preposicionado não é um requisito em todas as línguas em que o redobro de clítico ocorre. Não aprofundamos a discussão por uma questão de espaço. Para uma discussão mais detalhada, o leitor pode conferir Leonetti (2007, 2008).

2.3 AS POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES PARA A VIOLAÇÃO HIERÁRQUICA

No catalão antigo, há apenas pronomes tônicos acusativos para 1p do singular; 2p e 3p usam a forma do nominativo para o acusativo, isso deveria tornar a MDO obrigatória com 2p e 3p. Diante disso, I&P (2019) defendem que a violação é causada pela natureza da 3p e não pelo sincretismo entre nominativo e acusativo, como von Heusinger e Gáspár (2008) propõem para o caso do romeno antigo.

A MDO tem sido tratada como resultado ou da atribuição de Caso estrutural ou de licenciamento de objeto. Os objetos diretos típicos são (pseudo)-incorporados como predicados. Segundo a proposta de I&P, a MDO não é apenas uma operação de Caso, mas uma operação de licenciamento para objetos que têm especificação além de Caso.

Nessa operação, o traço [+PESSOA] é relevante, pois é realizado como MDO. I&P propõem que esse traço é do tipo *sentience*, que se refere ao indivíduo ciente da eventualidade que ocorre. Na proposta, o traço [+PESSOA] pode ser do tipo [SPEAKER] ou [ADDRESSEE]. De acordo com I&P, em estágios anteriores, 1p tinha o traço [+SPEAKER] e a 2p o traço [+ADDRESSEE], posteriormente, às duas formas pronominais passou a ser também atribuído o traço [+SENTIENCE], o qual já era à 3p.

Em estágios em que há apenas marcação com 3p, a MDO ligava-se à animacidade e não aos traços [SPEAKER] e [ADDRESSEE]. Quando 1p e 2p passam a ser marcadas, [+SENTIENCE] passa a se associar aos dois traços. A mudança seria causada pela gramaticalização de uma restrição pragmática — não se pode ser falante e ouvinte sem ser animado.

3 A MDO EM PRONOMES NO PORTUGUÊS DIACRÔNICO

3.1 METODOLOGIA

Neste estudo recolhemos, no Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017) (doravante, CTB)² e no Corpus Post Scriptum (CLUL, 2014) (doravante, PS)³, dados do PE dos séculos XVI a XIX. Realizamos buscas com a ferramenta Corpus Search em textos anotados sintaticamente, e assim selecionamos dados em que o pronome pleno tinha função de objeto direto e era marcado pela preposição *a*.

Na análise, os pronomes foram classificados em quatro tipos: 1p, pronomes de primeira pessoa do singular *mim* e do plural *nós*; 2p, pronomes de segunda pessoa do singular *ti* e do plural *vós*; 3p, pronomes de terceira pessoa do singular *ele(a)* e do plural *eles(as)*; e

² Há, no CTB, 27 textos de diferentes gêneros anotados sintaticamente, a seguir, os textos em que encontramos dados. Séc. XVI: c_007, g_001, l_001, p_001, s_001; séc. XVII: b_001, b_003, b_008, c_003, m_003, m_008, v_002, v_004; séc. XVIII: a_001, a_004, c_001, s_004; séc. XIX: a_003, b_005, g_004, o_001.

³ O PS é formado por cartas dos séculos XVI ao XIX escritas por pessoas de diferentes classes sociais. As cartas em que encontramos dados são apresentadas a seguir. Séc. XVI: PSCR0027, PSCR0047, PSCR0076; séc. XVII: CARDS4005; séc. XVIII: CARDS2031, CARDS3148; séc. XIX: CARDS0098.

reflexivos, *si*. No grupo dos reflexivos foram incluídas, também, formas como *a si mesmo(s)* e *a si próprio(s)*. Abaixo há alguns exemplos dos dados encontrados:

- (10) ele **me** vigia **a mim** (S_001_PSD,76.874, CTB, Séc. XVI).
- (11) Anna da minha alma, troixa da minha vida, pois não me há de cheirar, se **te** eu cheiro **a ti**, flor (G_004_PSD,0.1460, CTB, Séc. XIX).
- (12) tudo quanto é meu é só para o meu marido, pois só **a ele** quero e só **a ele** amo. (CARDS3148,.6, PS, Séc. XVIII)
- (13) ama-**se a si** (A_001_PSD,93.2127, CTB, Séc. XVIII).
- (14) Quem **se** busca **a si mesmo** no seu amor é indigno do amor do outro (C_001_PSD,04.60, CTB, Séc. XVIII).

3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ainda que não fosse nosso alvo inicial investigar as diferenças entre o redobro de clítico e a MDO, separamos os resultados em dois cenários: (i) pronome pleno com função de objeto direto marcado por *a* que coocorre com clítico descontínuo, ou seja, caso de redobro de clítico, e (ii) pronome pleno com função de objeto direto marcado por *a*. A divisão tem o objetivo de trazer clareza à pesquisa. A seguir, são apresentados os resultados do primeiro cenário.

TABELA 1 – OCORRÊNCIAS DE PRONOMES PLENOS MARCADOS (CASOS DE REDOBRO DE CLÍTICO INCLUÍDOS)

Século	1p	%	2p	%	3p	%	Reflexivo	%	Total	%
XVI	9	28	1	3	12	38	10	31	32	100
XVII	13	36	5	14	9	25	9	25	36	100
XVIII	10	28	4	11	5	14	17	47	36	100
XIX	6	43	4	29	3	21	1	7	14	100

Fonte: elaborada pela autora.

Com a Tabela 1, sobre o primeiro cenário, pode-se perceber que, no século XVI, há mais casos de 3p (38%) e de reflexivo (31%) do que de 1p (28%) e 2p (3%) marcadas. Já no século posterior, os casos de 1p (36%) superam os de 3p e de reflexivos (25% respectivamente). No século XVIII, os reflexivos marcados (47%) superam os outros contextos; além disso, os casos de 1p ultrapassam os de 3p, 28% contra 14%. Por outro lado, no século XIX, os casos de 1p representam 43% das ocorrências e se tornam os mais frequentes de todas as pessoas.

Abaixo, na Tabela 2, são apresentados os resultados do segundo cenário analisado, com apenas os casos de pronomes marcados por *a*, e são excluídos os casos de redobro de clítico.

**TABELA 2 – OCORRÊNCIAS DE PRONOMES PLENOS MARCADOS
(SEM CASOS DE REDOBRO DE CLÍTICO)**

Século	1p	%	2p	%	3p	%	Reflexivo	%	Total	%
XVI	-	-	1	13	5	63	2	25	8	100
XVII	3	21	2	14	7	50	2	14	14	100
XVIII	1	11	2	22	4	44	2	22	9	100
XIX	1	50	-	-	1	50	-	-	2	100

Fonte: elaborada pela autora.

No segundo cenário, com a retirada dos casos de redobro de clítico, os casos analisados diminuem de 118 para 33. No século XVI, não há nenhuma ocorrência de 1p e há apenas um caso de 2p; os casos de 3p são os mais frequentes com 63% das ocorrências e há uma diferença interessante entre os casos de 3p e de reflexivos, os quais representam apenas 25% dos casos.

No século seguinte, o XVII, a 3p ultrapassa todas as pessoas com 50% dos casos, e as ocorrências de 1p superam as de 2p e de reflexivos. O comportamento observado no século XVII se mantém no século posterior, mas a 1p é menos frequente que a 2p e os reflexivos marcados. No XIX, foram encontrados apenas dois casos, um de 1p e um de 3p.

Os resultados da separação dos cenários podem indicar que os dois fenômenos são desencadeados por fatores distintos, o redobro de clítico se liga ao traço da especificidade, e a MDO, à animacidade. Tal afirmação se baseia na diminuição das ocorrências de 1p e reflexivos e no aumento da 3p, ambos observados no segundo cenário, o que indica que o redobro ocorre mais frequentemente com 1p e reflexivos. Vale apontar que a animacidade influencia o redobro, pois ocorre com formas, 1p e reflexivos, em que a animacidade é um traço já pressuposto.

Pires (2018) analisou as ocorrências de redobro de clítico e de pronomes marcados por *a* no PE dos séculos XVI a XIX. Foi atestada a preferência pela MDO nos casos de 3p, nos séculos XVI, XVIII e XIX. Esses resultados somados aos aqui apresentados podem indicar o desenvolvimento da MDO nas escalas, um fenômeno que se inicia pela 3p. Para confirmar isso, seria necessária a investigação de dados do período anterior ao século XVI.

A separação dos cenários mostrou ainda, em ambos, a diminuição dos casos no século XIX. No século anterior foram analisadas 36 ocorrências no primeiro cenário e 9 no segundo; já no século XIX foram analisados 14 casos no primeiro cenário e apenas 2 no segundo.

4 EM DIREÇÃO A UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

O comportamento dos dados do português analisados neste trabalho se assemelha aos do catalão antigo, em que a 3p é mais frequente que 1p e 2p, apenas no segundo cenário (sem os casos de redobro de clítico). No primeiro cenário (com casos de redobro de clítico), só há um indicativo da violação da escala no século XVI, em que a 3p é mais frequente. Em nenhum dos dois cenários há uma alta frequência de casos da MDO com a 3p, como ocorre com o romeno, em que 97% dos casos de 3p eram marcados.

Comparando os resultados dos dois cenários, pode-se perceber que 1p e 2p ocorrem majoritariamente com redobro e não com a MDO nos séculos analisados. Essa característica pode indicar que, em estágios anteriores, a MDO estava relacionada à animacidade de objetos que não tinham este traço pressuposto e marcar 1p e 2p seria redundante, pois nessas formas pronominais a animacidade já está pressuposta, o que não se verifica na 3p, daí a necessidade de MDO nesse contexto para indicar animacidade.

Adotando ainda Cyrino (2018), podemos estender essa análise em termos do traço [PESSOA], que, como dito acima, está relacionado à animacidade. 1p e 2p são [+PESSOA], enquanto a 3p é [-PESSOA], logo não seria preciso marcar animacidade em sintagmas que já são [+PESSOA], apenas no objeto que é [-PESSOA]. Desse modo, a animacidade seria o fator determinante para a MDO.

Retomando o que dito foi acima sobre o redobro de clítico, segundo Leonetti (2007), o clítico desencadeia uma leitura específica nos casos de redobro. Desse modo, a diferença dos dois cenários também pode ser explicada: os casos de redobro com 1p e reflexivos ocorrem não pela necessidade da marcação redundante da animacidade no objeto, mas para obter um efeito de especificidade que está ligado à presença do traço [+ESPECÍFICO].

5 CONCLUSÃO

O objetivo desse *squib* era investigar, no português dos séculos XVI a XIX, se escalas hierárquicas descrevem adequadamente o desenvolvimento da MDO com pronomes. A análise dos dados revelou que, para o português, a separação dos casos de redobro de clítico dos de MDO é relevante, pois há resultados diferentes quando são excluídos os casos de redobro.

Os resultados da análise dos casos de pronomes marcados parecem indicar que, nos primeiros estágios de desenvolvimento, a MDO se relacionava apenas à animacidade e o traço [+PESSOA] bloqueava a marcação diferencial nas 1p e 2p.

Para confirmar esses resultados, cabe ainda analisar mais textos do período analisado para chegar a um número mais robusto de dados. Resta também investigar se, no português, as ocorrências da MDO como outros tipos de sintagmas podem ser descritas pelos estágios de desenvolvimento previstos nas escalas hierárquicas. Além disso, são necessários estudos que investiguem os casos do fenômeno em períodos anteriores aos aqui analisados.

REFERÊNCIAS

AISSEN, J. Differential Object Marking: Iconicity vs. Economy. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 21, n. 3, p. 435-483, ago. 2003.

CLUL (ed.). *P.S. Post Scriptum*. Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna. 2014. Disponível em: <http://ps.clul.ul.pt>.

CYRINO, S. M. L. Animacidade na sintaxe: uma abordagem formal. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 46, p. 222-238, maio/ago. 2018.

GALVES, C.; ANDRADE, A.; FARIA, P. *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*. 2017. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>.

IRIMIA, M. A.; PINEDA, A. Differential object marking and Scales: Insights from diachrony. *Proceedings of the Linguistic Society of America*, v. 4, n. 1, p. 1-15, 2019.

LEONETTI, M. Clitics do not encode specificity. In: *Proceedings of the workshop "Definiteness, specificity and animacy in Ibero-Romance languages"*. Universität Konstanz, Fachbereich Sprachwissenschaft, 2007. p. 111-139.

LEONETTI, M. Specificity in clitic doubling and in differential object marking. *Probus*, v. 20, n. 1, p. 33-66, 2008.

PIRES, A. J. *A marcação diferencial de objeto no português: um estudo sintático-diacrônico*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2017.

PIRES, A. J. "Deus julga-nos a nós": um caso de redobro de clítico no português? In: PILATI, E.; MOREIRA, B. (org.). *Estudos formalistas nas línguas naturais – volume 2*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 99-119.

VON HEUSINGER, K.; KAISER, G. The evolution of differential object marking in Spanish. In: *Proceedings of the workshop "Specificity and the evolution/emergence of nominal determination systems in Romance"*. Universität Konstanz, Fachbereich Sprachwissenschaft, 2005, p. 33-69.

VON HEUSINGER, K.; GÁSPÁR, E. O. Triggering and blocking effects in the diachronic development of DOM in Romanian. *Probus*, v. 20, n. 1, p. 67-110, 2008.

Squib recebido em 6 de abril de 2020.

Squib aceito em 6 de maio de 2020.